

URBANIDADE E CIDADANIA

Pensar a Évora do futuro pressupõe que previamente se pense qual o contexto em que a cidade vai existir e, porventura, desenvolver-se. E neste sentido convém munir-nos de um comedido pragmatismo, que uma série de factores em desenvolvimento, externos à cidade, aconselham.

A cidade no contexto regional.

O Gabinete da Cidade aponta uma série de factores, de âmbito inter-regional, que poderão vir a afectar Évora nos próximos anos, nomeadamente: a nova ponte sobre o Tejo; a auto-estrada Lisboa - Madrid; a transferência do aeroporto de Lisboa (eventualmente para Rio Frio). Contudo há que reflectir no como poderão aqueles factores influir, corroborando ou subvertendo, os nossos desejos, esperanças e anseios na futura cidade de Évora:

- a. O desenvolvimento urbanístico de Badajoz para oeste tem como objectivo a criação de um importante polo de atracção regional de que a Extremadura/Alentejo carece;
 - b. o mesmo se pode dizer da nova ponte sobre o Tejo e a projectada ligação ferroviária na actual ponte; estas duas infraestruturas potenciarão o alargamento da actual Área Metropolitana de Lisboa, para Sul, até possivelmente se diluir a distância inter-urbana Lisboa-Setúbal.
- Perante este quadro de atracção bipolar qual o papel reservado a Évora?

A questão da dimensão da cidade

Uma cidade projecta-se conhecendo o papel que ela irá desempenhar, social, económica e politicamente. Face às incertezas que o futuro nos reserva - por ausência de uma política nacional reflectida no ordenamento do território - torna-se difícil, ou mesmo impossível, delinear, uma cidade para um horizonte temporal por mais pequeno que seja. Daí ser de uma grande temeridade estabelecer uma dimensão de 50, 70, 90 ou 120.000 habitantes para cidades como Évora, dependentes, não tanto da sua vontade de atrair investimentos, i.e., emprego-cidadãos, mas muito mais da capacidade que cidades adjacentes como Badajoz-Elvas (futura Badaelvas?) e Lisboa-Setúbal (futura Listúbal?) terão para atraiem aqueles investimentos/empregos/cidadãos.

Dimensão versus qualidade de vida

Contrariamente às teses "ambientalistas"¹, sustento que uma grande cidade não é necessariamente sinónimo de falta de qualidade de vida, de falta de dimensão humana, etc... Pelo contrário tem sido sempre nas grandes cidades que são gerados os movimentos sociais que têm transformado as sociedades.

O fenómeno a que temos assistido de há uns anos para cá, i.e., a degradação do ambiente urbano, e a perda de qualidade de vida nas grandes cidades, está muito mais relacionado com a criação e crescimento de subúrbios/dormitórios do que com as cidades em si. Aquelas cidades-satélite, se assim se podem chamar, ao gerarem uma população suburbana, criam condições ao aparecimento de grupos que vão exercer actos de vandalismo e violência, geralmente na cidade-mãe/madrasta, reagindo desta forma à segregação de que são vítimas.

Penso, assim, que a questão não deve pôr-se em termos de dimensão vs qualidade de vida, mas sim em termos de urbanos ou suburbanos.

Integrados e suburbanos

Será Évora, hoje, uma cidade de integrados ou tem vindo a ser conduzida como uma cidade de eborenses e suburbanos? E que Évora queremos no futuro?

Mercê de várias vicissitudes do seu desenvolvimento recente (a que não foi estranho o PGU), Évora é hoje uma cidade claramente dividida onde os bairros periféricos, planeados ou não, pela "distância" a que se encontram da cidade muralhada ou das suas zonas adjacentes, constituem uma

¹ "Small is beautiful"

segunda cidade.

Contudo aquela é uma distância psicológica. Na realidade é a ausência de contínuo urbano entre os bairros periféricos e o "coração" da cidade, laconicamente chamada de "cintura verde" ou "área de protecção", que em vez de contribuir para uma imagem coerente da cidade, em vez de integrar os cidadãos no todo da cidade, mais não tem feito que transformá-los em suburbanos¹. Reforçando este papel de subúrbio que os bairros periféricos têm desempenhado, o PGU (ainda em vigor) não contrariou a tendência para a implantação do emprego e do comércio no centro, ou nas suas imediações, salvo a tentativa recente de criação de emprego zonificado, i.e., no Parque Industrial. Reforçou-se portanto o movimento pendular dos bairros periféricos para o centro e deste, ao fim do dia, para aqueles, (tal e qual Lisboa e os seus concelhos suburbanos).

A cidade do futuro

Independentemente de virem a existir condições para se projectar (na verdadeira acepção do termo) a Évora do futuro, dependente como vimos das estratégias globais nacionais, penso ser possível, de um modo pragmático, "desenhar" correcções à cidade actual de modo a poderem ser integrados todos os cidadãos e qualquer um, num futuro não muito longíquo, não repetir a frase "vou à cidade".

Expansão do actual limite urbano

Quer os terrenos intersticiais existentes em quase todos os bairros periféricos, quer os espaços actualmente "cintura verde" ou "área de protecção", constituem uma bolsa de terrenos com aptidão urbana que desaconselha qualquer tentativa de alteração do actual limite urbano. Aliás uma expansão deste tipo iria, apenas, criar mais suburbanos.

A continuidade urbana factor de integração social e de caracterização morfológica da cidade

Assim penso que a aposta está na "urbanização" dos terrenos que hoje separam a cidade dos bairros periféricos, pensando-se esta "urbanização" como um contínuo urbano, onde as densidades de construção/habitantes transformem essas zonas em locais vivos e vividos, onde se sinta que a cidade continua; e gradualmente, "urbanizarem-se" os espaços intersticiais dos bairros periféricos, não perpetuando as tipologias existentes, mas aumentando as densidades de construção, impondo a existência de superfícies destinadas ao comércio, a serviços (escritórios) e à habitação.

Decorrente do exposto inicialmente, este último postulado será mais um factor de integração dos actuais suburbanos, i. e., a criação de emprego fora da tradicional zona central da cidade permitirá quer o emprego aos habitantes do bairro, quer aos a ele estranhos, servindo este último factor para que os "naturais" sintam a sua "centralidade" no todo do tecido urbano.

O S.I.T.E. e o "urbanita"

É com esta centralidade global que a Évora será uma cidade solidária porque não segregacionista.

Uma cidade coerente, de tecido urbano contínuo, independentemente da sua dimensão populacional, é uma cidade de escala humana², ou seja, uma cidade que oferece versatilidade de emprego e de local de trabalho aos seus habitantes, uma cidade cujos equipamentos, de qualquer natureza, estão dimensionados para os seus habitantes.

Esta cidade vai gerar um cidadão de novo tipo: o cidadão que vai pretender usufruir de toda a cidade, a qualquer hora, que trabalhará nas Fontanas e habitará no Granito (ou qualquer par de zonas que se preferir estabelecer), que terá alguns amigos na Sra. da Saúde, mas que preferirá beber café em Almeirim. A este habitante, o urbano integral, o "urbanita", toda a cidade terá que estar aberta.

Mas para que a cidade se dê toda aos seus habitantes terá que ser totalmente acessível, e se actualmente a acessibilidade é limitada/garantida a dois níveis: o pedestre e o transporte individual, no futuro terá que o ser pelo transporte público, regular, com uma frequência grande, não dirigido

1 A este facto não terá sido alheia a moda dos intelectuais habitarem o Centro Histórico, ou, em desespero de causa, a "quase-urbana" Malagueira; na realidade, não tendo toda a capacidade económica para a "fuga campestre", pela aquisição de quintas ou montes, fugiram a ser suburbanos, como o seriam se continuassem em Lisboa.

2 Nova Iorque, porque praticamente toda vivida, apesar do número dos seus habitantes e da cêrcea das suas construções, é uma cidade de escala humana.

exclusivamente da periferia para o centro mas de qualquer para qualquer ponto.

Monotonia tipológica, arrendamento e mobilidade urbana

Uma cidade define-se pelo número de habitantes, pelo "sky-line" pretendido, pelas densidades de ocupação e pelas vias de comunicação que ligarão as suas diversas partes. Até agora, na cidade de Évora, ao contrário de serem apenas estabelecidos a superfície total de pavimentos edificáveis em cada terreno e as cêrceas máximas, tem a CME imposto uma monotonia tipológica, i. e., 2 Pisos/2Fogos, que tem conduzido a cidade para o desastre sócio-etário. Isto porque, na realidade, é imposto o T3, desajustado das necessidades da população jovem, solitária ou idosa. E esta monotonia tipológica, aliada à conjuntura económica que o país há muito atravessa, "afunilou" o mercado de venda e arrendamento de fogos, tornando inviável a habitação para os agregados familiares de menores recursos financeiros, reduzindo a mobilidade urbana, em suma, espartilhando as relações humanas dentro do espaço urbano.

Urge pensar o futuro de Évora de uma forma solidária, também a este nível.

Centro Histórico e Periferia Histórica

A importância que as questões ligadas ao Património adquiriram de há uns anos a esta parte, impõe-nos uma prévia e breve reflexão: porque surgiu ? Excluindo as razões político-ideológicas que subjazem à corrente conservadora, as razões da aceitação pública de tais preocupações assenta, basicamente, no repúdio do ambiente construído de há 30 anos a esta parte, i. e., se o ambiente construído é mau e não conhecemos o futuro, voltemo-nos para o passado porque é um seguro referencial dos valores artísticos e culturais em que crescemos.

Se Évora não souber construir o futuro, ou seja, se não se preocupar hoje com o património que vai legar aos vindouros, serão cometidos dois erros: o futuro será mais pobre culturalmente e não haverá referências ao final do sec. XX .¹

Não bastará por isso preservar o actual Centro Histórico, nem um qualquer edifício "emblemático" valorizará a sua envolvente² se esta não tiver um verdadeiro valor patrimonial. Assim julgo que a aposta será chamar a construir a cidade da periferia (futuro Centro Histórico ?), e não só os edifícios "emblemáticos", os profissionais do espaço e da forma, i. e., os arquitectos, pois são eles hoje, nesta sociedade de possibilidades tecnológicas aparentemente infinitas, os mais bem apetrechados, com a sua capacidade criativa, e de reflexão sobre o passado, para projectar a cidade do presente e do futuro, que fará de Évora uma cidade onde seja agradável, e possível, viver:

"- reforçando os valores de identidade e pertença territorial"

"- melhorando e valorizando a qualidade ambiental e as condições de vida"

Évora, 02 de Maio de 1994

antónio borges abel, arquitecto

¹A memória e identidade cultural faz-se por referências ao passado.

²Vêja-se, a este propósito, as centenas de casos em que não foi a existência de monumentos de real valor artístico, cultural e patrimonial, que preservou das destruições massivas todo o acervo construído que os envolvia